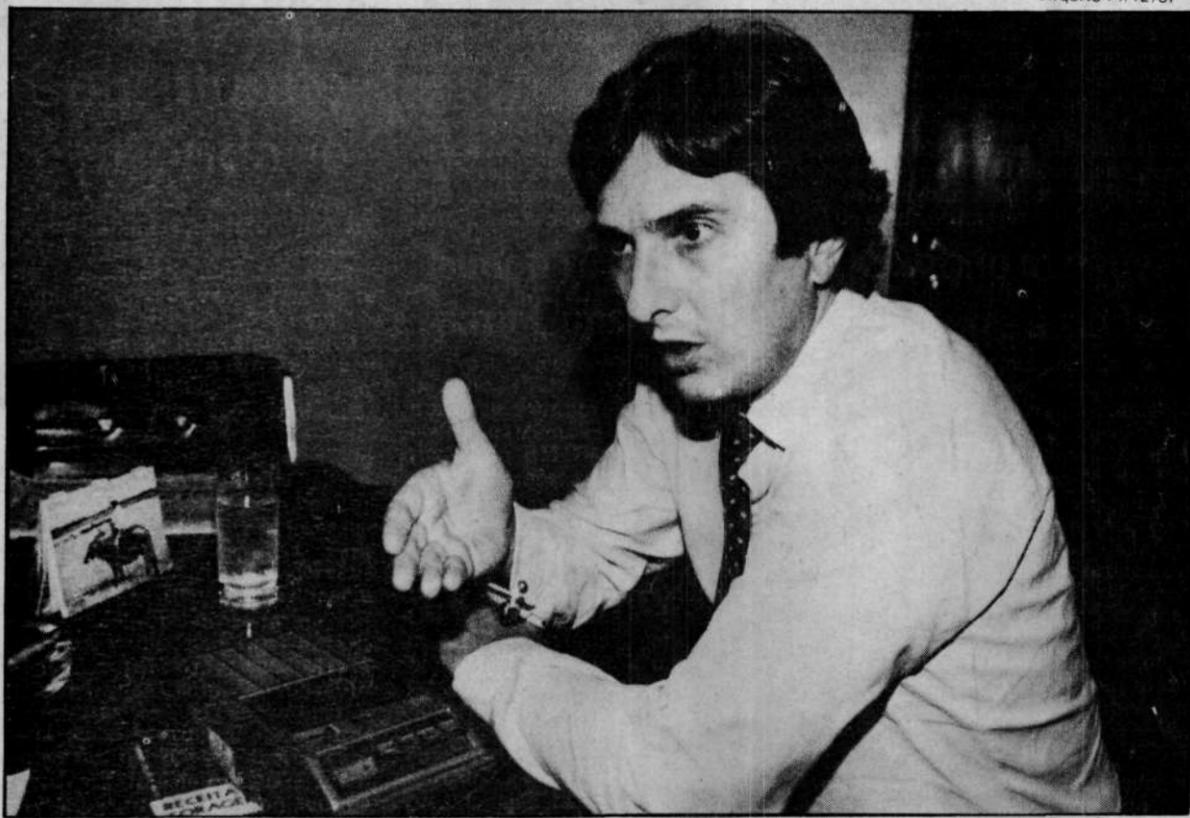


Arquivo 14/12/87



Sem espaço no PMDB, Collor deixa o partido que o elegeu e dividirá o eleitorado com Brizola

Collor será o nome do PSC à Presidência

O governador de Alagoas, Fernando Collor será lançado como candidato do Partido Social Cristão — PSC —, à Presidência da República, através do programa que a legenda realiza no próximo dia 15 em cadeia nacional de televisão. A decisão de deixar o PMDB — seu desligamento ocorrerá nos próximos dias —, foi tomada por Collor a partir da constatação que de que teria poucas chances de obter espaço para se lançar a sucessão de Sarney pelo partido que o elegeu, ao atual cargo.

Apoiado por empresários da área das comunicações, o governador alagoano disputará a mesma faixa do eleitorado que o candidato pelo PDT, Leonel Brizola, com bandeira política idêntica: o combate à corrupção e o retorno à moralidade pública. Collor, 39 anos, empunhará um trunfo conseguido através do combate aos altos salários dos "marajás" em seu Estado, o que lhe rendeu projeção nacional, e pretende concorrer em qualquer sistema, parlamentarista ou presidencialista.

Ex-Malufista

Além de sair do PMDB, Fernando Collor deixará o governo de Alagoas já em maio próximo se as eleições forem marcadas para novembro de 1988. Ex-malufista, conta com o apoio de empresários e donos de redes de rádio e televisão para consolidar seu sonho de ser Presidente da República. Outro trunfo é a influência política da família Collor: seu pai, Arnon de Mello, já falecido, foi governador de Alagoas e uma das grandes fortunas do Estado.

Já o PSC, que elegeu a deputada por São Paulo, Dirce Tutu Quadros, hoje no PTB, foi criado a partir do Partido Democrata Republicano, do ex-vice-presidente Pedro Aleixo. Durante o governo do general Médici, Aleixo tentou legalizar o PDR para romper o bipartidarismo formado pela Arena e o MDB, mas não obteve êxito.

Para Ibsen, Constituinte é prioridade

Porto Alegre — Antecipar o lançamento da candidatura do partido à Presidência da República antes de ser definida a duração do mandato do presidente José Sarney e, principalmente, o sistema de Governo em que o Presidente eleito atuará, é "colocar o carro à frente dos bois", afirmou o líder do PMDB na Câmara dos Deputados, Ibsen Pinheiro.

Na reunião dos "históricos" do PMDB, dia 9, em Brasília, Ibsen Pinheiro sustentará que completar o processo constituinte com essas duas definições é essencial para que seja traçado o perfil do candidato do partido à Presidência da República. De outra forma, entende o líder na Câmara, o PMDB estaria fugindo à sua tarefa primordial como partido majoritário, que é de conduzir o processo constituinte até a promulgação da nova Constituição. "Esta é a tarefa do PMDB. E, dentro deste contexto, a reunião hoje poderá iniciar o trabalho para preservar a unidade do partido e rearticular a sua atuação para depois da promulgação da Constituição.

Newton admite apoiar mandato de quatro anos

Belo Horizonte — Na sua última entrevista coletiva do ano, o governador Newton Cardoso deixou claro que não será intransigente na defesa dos cinco anos de mandato para o presidente José Sarney. Ele vai ficar de olho na tendência dos constituintes confirmarem em plenário os quatro anos de mandato para o Presidente da República aprovado na Sistematização, para reavaliar sua posição.

O governador mineiro vinha defendendo o mandato de cinco anos para Sarney considerando a tradição e por achar que em quatro anos um presidente não tem condição de executar um programa de Governo. "O primeiro ano é sempre de ajuste; o segundo, de programação e implantação de governo; o terceiro de realizações, e o quarto de fazer política" — justificou.

Entretanto, se a Constituinte aprovar os quatro anos para o presidente, Newton Cardoso vai "procurar um candidato do PMDB e apoiá-lo nas eleições do ano que vem". O governador de Minas negou qualquer intenção de se candidatar à Presidência da República, lembrando o seu compromisso com os mineiros. "Tenho certeza — disse — que em 88 vou implantar o mais proveitoso programa de obras jamais visto neste País".

Newton Cardoso voltou a afirmar, no entanto, que se as eleições para presidente forem mesmo em 88, o PMDB corre sério risco de sair derrotado. O fato de o partido ter indicado o ministro da Fazenda, como aconteceu com Dilson Funaro e depois com o professor Bresser Pereira, mostra que o PMDB "pagou caro pelas indicações". O Plano Cruzado foi um grande fracasso, uma utopia, segundo disse. "Baixou no ex-ministro Dilson Funaro o espírito de Thomas Morus e ele impôs ao Brasil aquele plano de falso consumismo, exaurindo nossas reservas monetárias internacionais e a área econômica ficou muito afetada", lembrou o governador.

Simon vê prejuízo para Constituinte

Porto Alegre — O governador gaúcho Pedro Simon criticou duramente ontem em Porto Alegre, a proposta dos chamados "autênticos" do PMDB de lançar, já no próximo mês, um candidato do partido à Presidência da República, começando imediatamente a sua campanha eleitoral. "A proposta defendida por esses líderes prejudicará a Constituinte, que terá as suas atenções desviadas para a campanha e fortalecerá a manutenção do presidencialismo", afirmou o governador gaúcho, afirmando que, coincidentemente, todos os candidatos até agora lançados pelo partido são adeptos do regime presidencialista.

Com o lançamento imediato das candidaturas (a campanha sucessória, na sua opinião, somente deveria ser deflagrada após promulgada a nova carta).

Para o PMDB, eleições em 89 seriam mais vantajosas, segundo o entendimento do governador, porque seriam eleições eletrônicas, sem dispêndio de maiores recursos. "Uma eleição em 88 nos custaria 800 milhões de dólares, no mínimo". O governador mineiro considera imprescindível a união do PMDB, e neste sentido vem mantendo contatos políticos, tendo marcado um encontro com o senador Itamar Franco e o governador José Aparecido, para o mês de janeiro.

Newton Cardoso criticou os chamados "históricos" do PMDB, que na sua opinião estão fazendo justamente o contrário do que deveria ser feito. Isto é, ao invés de união, provocam a divisão. Chamou o governador do Rio, Moreira Franco, de rebelde, certo que reuniões como a recente "não ajudam o partido". "Não é hora de aparecer — disse — pisando nos outros, querendo criticar os companheiros que tanto contribuíram para que chegássemos até aqui, nessa fase da democracia brasileira. O melhor lugar para discutir os problemas do PMDB é na convenção do partido e não em petit comitê como fazem hoje neste País".

Se o Presidente da República fosse Newton Cardoso, ele tomaria, como afirmou, "medidas corajosas como tomei em Minas". Quanto à indicação do novo ministro da Fazenda, "só nos resta assimilar o nome dele porque até aqui foi o partido que indicou". O novo ministro deveria ser indicado pelo Presidente da República sem a obrigatoriedade de ouvir a opinião do PMDB.

Para Minas, a construção da ferrovia Norte-Sul, defendida por Sarney seria de grande valia. "Haveria encomendas de milhões e milhões de trilhos para serem instalados na ferrovia, o que salvaria a nossa arrecadação de ICM". Por tudo isto, Newton Cardoso conclama os mineiros de maneira geral a defenderem a ferrovia Norte-Sul "de corpo e alma".

Santillo diz que eleição é a saída

Goiânia — Considerado como parlamentarista histórico, o governador de Goiás, Hernique Santillo, reafirmou ontem sua posição favorável a esse sistema de Governo por considerá-lo capaz de modernizar a administração e a política nacionais. Ele também manteve-se coerente com sua postura de que o mandato do presidente Sarney e de seus sucessores deve ser de cinco anos, mas abriu a ressalva de que, a permanecer a agravar-se o impasse político e a crise econômica, o melhor caminho será o da realização de eleições gerais em 1988.

Santillo frisa a necessidade de realização de eleições em todos os níveis, inclusive para governadores, deputados e senadores, após a promulgação da nova Carta Magna, "para que o povo e o País possam começar uma nova fase.

Base prefere Brizola, diz líder do PFL

O deputado pefelista Alceni Guerra manifestou, ontem, a opinião de que o PFL deve ficar aberto à possibilidade de uma aliança com o ex-governador Leonel Brizola, no segundo turno da eleição presidencial, considerando ainda que as bases do seu partido aceitariam essa coligação sem maiores resistências.

Para Alceni Guerra, nas bases do PFL há um sentimento de rejeição bem maior ao PMDB do que a Brizola. Citando como exemplo o seu estado, o Paraná, Alceni observou que "o PMDB é que é visto como o grande inimigo, uma vez que seus governadores, prefeitos e delegados é que perseguem os pefelistas".

Ao contrário do que ocorre com as bases, o deputado paranaense reconhece que, na bancada federal do PFL é grande a reação contra Brizola, mas essa recusa, a seu ver, será superada com o tempo, caso o partido, no seu conjunto, venha a concordar com a coligação com o candidato do PDT.

Apesar desse raciocínio, desenvolvido em resposta a indagações do *Jornal de Brasília*, Alceni Guerra lembrou que o candidato do PFL à Presidência é o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves. Ele não aprofundou comentários em torno dessa candidatura, admitindo apenas que ela poderá enfrentar dificuldades por se tratar de um nome vinculado ao atual governo, do qual, a seu ver, o PFL já deveria ter-se afastado.

PT

Essa perspectiva de aproximação de Brizola com forças conservadoras preocupa o deputado pedetista Lyzâneas Maciel, defensor de uma aliança preferencial com as forças progressistas. Lyzâneas não reage abertamente à ideia de uma eventual coligação com o PFL, mas insiste em que a candidatura Brizola deve ser aprofundada junto àquelas forças, em que ele destaca o Partido dos Trabalhadores, para neutralizar a influência dos grupos conservadores interessados em apoiar o ex-governador.

Lyzâneas foi um dos parlamentares que mais trabalhou pela reaproximação entre Brizola e o presidente do PT, Luis Inácio Lula da Silva, que inclusive voltaram a frequentar os mesmos palanques, em comícios pelas diretas realizadas no início do mês em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No primeiro turno, Brizola e Lula seriam concorrentes. No segundo turno, o mais votado dos dois, na opinião de Lyzâneas, poderia apoiar o que ficasse em segundo lugar. A questão é saber até que ponto poderiam conviver numa mesma aliança em torno de Brizola posições tão distintas quanto as representadas pelo PFL e pelo Partido dos Trabalhadores.